

CARAVANA DOORS

Uma viagem luso-americana

Rui Pedro Silva



WELCOME TO
PORTUGAL

DOCUMENTA

CARAVANA DOORS

Uma viagem luso-americana

Rui Pedro Silva

PREFÁCIO

Teófilo Ruiz

DOCUMENTA

ÍNDICE

<i>Nota do autor</i>	13
LOS ANGELES CALIFÓRNIA...	
Prefácio, por Teófilo Ruiz.	19
PARTE I: UCLA — UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA	
LOS ANGELES 1964/65	
Introdução	27
UCLA — 1964.....	30
UCLA — 1965.....	50
Escola de Cinema	75
«In Loco» 1964/65	99
In Loco Século XXI.....	104
PARTE II: PORTUGAL E OS DOORS	
A génese do fenómeno.....	119
«Retratos» da imprensa escrita	125
Rádio	321
Música	343
Poesia	383
Cinema.....	402
EPÍLOGO	411

Dedicado à memória de Jim Morrison

Neste dia que completaria 66 anos de idade, esta singela homenagem foi redigida na histórica ROUTE 66, em pleno Santa Monica Boulevard onde Jim Morrison trabalhou (no escritório dos Doors), viveu por uns tempos (Alta Cienega Motel, na esquina com La Cienega) e fez juz ao excesso *rock 'n' roll* em locais como o Barney's Beanery a poucos metros de distância do escritório da banda.

Rui Pedro Silva

Los Angeles, 8 de Dezembro de 2009

À Memória do Amigo António Sérgio

Partiu quando este trabalho estava a ser realizado na UCLA.

Um forte abraço por todo o apoio, amizade e satisfação que demonstrou em participar neste projecto.

Fica o agradecimento, honra e homenagem póstuma a um dos maiores radialistas de sempre de Portugal, na certeza de que no mundo poucos souberam dar voz (e que voz!) à paixão pelo rock como António Sérgio.

Um verdadeiro «Rider on the Storm» que fez da música «a sua melhor amiga» e companheira inseparável.

Muito obrigado por toda a partilha e até sempre ...

Rui Pedro Silva

(Obrigado ao Rui Xaruto pela bela ilustração exclusiva)

ANTONIO SERGIO



Rui Xaruto 2009

À Memória do Amigo Zé Leonel,

Deixou-nos quando o livro ganhava toque final para a edição.
Com simplicidade, disponibilidade e orgulho trilhou memórias e pensamentos,
nesta aventura lusa rumo ao Oeste, a fronteira mais distante.
Sinónimo do ser genuíno que tanto cultivou.
Um forte abraço neste singelo tributo.

Rui Pedro Silva

(Obrigado ao Rui Xaruto pela ilustração exclusiva).



«Não gosto de tomar banho de chuveiro, nem de dizer adeus, por isso: — Até loguinho!» (Zé Leonel)

NOTA DO AUTOR

Depois de um voo de madrugada Porto/Frankfurt e após umas longas horas de espera no movimentado aeroporto alemão, eis que o voo da Lufthansa nos brindou com um extenuante percurso de doze horas a cruzar o Atlântico e a penetrar de costa a costa os Estados Unidos. Los Angeles era o destino.

Por volta das 17h20, hora local, o pesado avião firmou as rodas na pista do *LAX*, o aeroporto internacional da cidade. A tarde soalheira não dava grande margem para dúvidas. Parecia a «Fantastic L.A.» cantada por Morrison, só faltava mesmo ver as palmeiras de Venice para o confirmar. Mas também não era necessário. Elas estão em todo o lado.

Chegar a Los Angeles foi também um autêntico... *WAKE UP!* A megalópole espelhava a realidade de uma cidade que parecia ter saído das entranhas cinematográficas da aparente e glamorosa Hollywood. Impossível ficar alheio à imponência e contrastes em redor. Ao brilho intenso do dia junta-se o espectáculo do vasto manto da luz nocturna — que nenhum postal consegue ilustrar. Rendemo-nos à beleza característica do Oeste americano, à esplêndida Costa do Pacífico, ao tempo fantástico, mas não ficámos imunes também ao *show* paralelo do contingente de segurança com carros e por vezes helicópteros da LAPD (Departamento de Polícia de Los Angeles) a circular sobre as nossas cabeças. Soma-se uma série de situações em que por vezes realidade se confunde com ficção e a ficção nunca chega a reproduzir a realidade. Se num quarteirão assistimos casualmente a uma rodagem de um filme com polícia e os maus da fita fortemente armados, na esquina mais adiante pode eventualmente ocorrer um cenário em tudo «semelhante», mas desta vez com polícia real e maus da fita de verdade. Emoção a toda a hora que nos coloca no centro de vários filmes, mas que em nada estraga o prazer de estar em Los Angeles, «a cidade da luz e da noite» que nos transporta a um sem-fim de emoções.

Uma das imagens de marca da cidade é o incrível e complexo ramal de auto-estradas que se cruzam em todas as direcções. Aqui sente-se na pele a necessidade do automóvel. É quase impossível circular em Los Angeles sem ele, principalmente quando o objectivo é percorrer largas distâncias dentro da cidade. Mesmo nas pequenas distâncias é quase uma ilusão. Há sempre a possibilidade da tão útil bicicleta

para ajudar a esbater as longas milhas que separam tudo de mais alguma coisa. Existem alguns transportes públicos e uma das conhecidas alternativas chama-se *autocarro azul*, o mítico «Blue Bus» cantado por Jim Morrison no «The End».

Todavia, de alternativa tem muito pouco e está a anos-luz de rivalizar com a funcionalidade do automóvel. O «Blue Bus» leva-nos à zona da UCLA/Westwood, percorre West LA, vai a Venice, Santa Mónica e outros locais mais conhecidos da cidade. Faz uma cobertura considerável, percorrendo as gigantescas avenidas principais. Diariamente milhões de pessoas percorrem as artérias de Los Angeles, e passar horas dentro do autocarro azul em hora de ponta é algo natural e saturante.

Nas ruas da cidade encontram-se diversas etnias, cores, credos, línguas e descobrimos também locais maravilhosos e zonas nada recomendáveis.

Embora os contrastes sejam bastante acentuados, o «guião» da *Cidade dos Anjos* transporta-nos a sítios maravilhosos. É de facto uma cidade espectacular que, embora exista para além da arte do espectáculo, tem nesta a sua imagem de marca. O ingrediente principal deste «Admirável Mundo Novo» a perder de vista, que me permitiu por um lado experimentar *in loco* o imaginário local dos Doors (a «City of Night» do *L.A. Woman*, por exemplo) e por outro perceber no ambiente nativo o apelo de Morrison pelo cinema e a frequência da UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles) para realizar esse desejo. São experiências que só no terreno se sentem.

A própria UCLA é um vasto universo que comporta diferentes mundos. Um espaço efervescente, de verdadeira aprendizagem, e escola de confrontação real de teorias e ideias. Acolhe regularmente pesquisadores, docentes e alunos vindos do estrangeiro. Pessoas que desempenham diferentes funções nos diversos departamentos e naturalmente passam «despercebidas» na amálgama multicultural que compõe o *campus*.

Não se encontram muitos portugueses nos diferentes departamentos da UCLA, mas quando se encontra mais um é uma experiência extraordinária. É o sentir Portugal a milhares de quilómetros de distância. Vivenciar as origens de uma forma muito especial que só compreende e dá real valor quem está ou já viveu muito longe de casa. Formam-se pequenas famílias, amizades sinceras e duradouras. Partilham-se valores, experiências e dificuldades comuns que tornam tudo mais visceral e consistente. A própria língua nativa soa-nos de forma diferente.

No Departamento de Espanhol e Português da UCLA existe um esforço sério para manter o nosso dialecto vivo. O «Symposium on Portuguese Traditions» (Simpósio sobre Tradições Portuguesas), fundado e organizado há três décadas pelo Professor Claude Hulet, é disso um dos melhores exemplos. Centenas de es-

tudiosos da lusofonia de todo o mundo rumam à UCLA para assistir e participar neste importante evento que mantém viva a língua de Camões neste emblemático *campus* de Westwood, em Los Angeles.

Num contacto anterior com o prestigiado Professor Claude Hulet surgiu naturalmente a possibilidade de chegar à fala com o então presidente do Departamento, o ilustre Professor Teófilo Ruiz. De imediato apoiou incondicionalmente a ideia da realização de um trabalho sobre os Doors, tendo em perspectiva a UCLA como «casa-mãe» da banda e o impacto dos Doors na cultura portuguesa. Por sabermos que a tarefa não é simples, ela tornou-se ainda mais aliciante.

Fazer um trabalho sobre os Doors na UCLA e proporcionar este intercâmbio de experiências culturais luso-americanas já de si é raro, fascinante e honroso. Mas se a isso aliarmos uma sucessão de outras honras tudo se torna ainda mais especial, como trabalhar com um vasto rol de personalidades na UCLA, por vários recantos de Los Angeles, noutros pontos dos Estados Unidos e da Costa Oeste e chegar a artistas em Portugal. Igualmente honroso foi o convite do Professor Teófilo Ruiz (em nome do Departamento) para desenvolver este trabalho em português, com o objectivo de realçar a nossa língua-mãe na UCLA e além das suas fronteiras. Um desafio estimulante que se estendeu também a palestras e outras actividades desenvolvidas num *campus* de uma cidade multicultural, mas dominada pelos dialectos inglês e espanhol. Em suma, essa decisão meritória é o reflexo da visão de quem sempre se preocupou em orientar uma equipa que, dentro das suas limitações orçamentais, se esforça realmente por fazer do estudo do português uma bandeira em Los Angeles.

Desta forma, com a banda da Califórnia e através da sua ligação estreita ao contexto da UCLA, destravámos a *Caravana Doors* em direcção ao Velho Continente para sentir o pulso dessa influência efectiva na cultura portuguesa.

O resultado da ligação de percursos encontra-se ao longo das páginas seguintes onde por terras lusas soaram ecos da universidade nativa dos Doors...

The West is the best, get here and we'll do the rest!!! (O Oeste é o melhor, vem até cá e nós faremos o resto!!!).

Rui Pedro Silva

UCLA/ 16 de Setembro de 2009

LOS ANGELES CALIFÓRNIA...



Pedra da fundação da Universidade da Califórnia.

Prefácio

É realmente um grande prazer poder contribuir com um prefácio para o novo livro do Rui Pedro Silva sobre os Doors. A UCLA, o Departamento de Espanhol e Português, os seus professores, funcionários, estudantes e eu próprio tivémos o enorme prazer de receber o Rui durante o Outono de 2009. Ele provou ser um pesquisador incansável, um estudioso empenhado e um excelente representante de Portugal nos Estados Unidos. Trabalhou horas intermináveis nos arquivos e descobriu material sobre os Doors e a história pioneira deles na UCLA que até à data era desconhecida. Este livro, *Caravana Doors: Uma Viagem Luso-Americana*, segue, na primeira parte, a implementação das raízes iniciais dos Doors na UCLA. Ao fazê-lo, proporciona o primeiro estudo em profundidade sobre a época em que Jim Morrison e Ray Manzarek se conheceram na Escola de Cinema da UCLA durante o ano académico de 1964/65. A segunda parte do livro do Rui examina, com detalhes de luxo, a influência dos Doors na cultura portuguesa. O âmbito e abrangência desta ampla pesquisa compreende muitos exemplos, parte de notícias na imprensa portuguesa que vão desde o início dos anos de 1970 até ao tempo presente, assim como entrevistas com artistas portugueses bastante conhecidos que se destacaram nos campos onde os Doors tiveram um grande impacto (música, poesia e cinema).

Parte I: Universidade da Califórnia / Los Angeles 1964/65

Quando Jim Morrison e Ray Manzarek se conheceram na Escola de Cinema da UCLA, eram, como muitos outros alunos nessa fase, completamente desconhecidos para a maioria das pessoas no *campus*. Porque o *campus* da UCLA sofreu muitas mudanças físicas desde o início dos anos de 1960, determinou que muitas das colecções em arquivo sofressem também grandes transformações. Foi também difícil para o Rui encontrar pessoas dessa época. Pessoas que pudesse consultar e recolher uma história oral das actividades de Morrison e Manzarek no *campus*. Não existe muita informa-

ção sobre a Escola de Cinema da altura ou sobre as actividades de Jim e Ray enquanto estudavam cinema. É portanto notável o quanto desse período de tempo o Rui Silva foi capaz de reconstruir a partir de informação dispersa que aqui existe. Por outras palavras, porque o caminho para encontrar essa informação foi tão difícil, o Rui Silva não só perseguiu todo o material disponível nas diferentes secções das diversas bibliotecas e arquivos da UCLA, como noutros edifícios do *campus* — e ao fazê-lo desenvolveu também fortes laços com muitas pessoas que trabalham nesses arquivos e estiveram sempre dispostas a auxiliar, nomeadamente Charlotte Brown da University Archives (Arquivos da Universidade) — ele foi também mais além ao recolher uma história oral dos primeiros anos dos Doors. Rui Silva entrevistou ex-estudantes de cinema da UCLA que foram colegas e contemporâneos do Jim Morrison e Ray Manzarek. Eles forneceram ao Rui informação vital sobre as actividades de Jim Morrison enquanto esteve no *campus* da universidade, acerca da própria Escola de Cinema de 1964/65 (que já não se encontra na sua localização original — edifícios temporários — quando o Jim e o Ray lá estudaram), bem como na recolha de outra informação relevante para a sua pesquisa. Rui Silva publica neste livro uma fotografia aérea do *campus* da UCLA de 1965. Inicialmente, olhando para ela, ele não pensava que a fotografia contivesse algo de vantajoso para a sua pesquisa ou especificamente relacionado com a Escola de Cinema. Todavia, a sua perseverança trouxe uma recompensa substancial.

Quando ampliou a fotografia descobriu, perto do local onde originalmente a Escola de Cinema se localizava, detalhes especiais que até hoje não tinham sido descobertos por estudiosos dos Doors ou historiadores do *campus* da UCLA. Aqui falo do lendário Gypsy Wagon, que Jim Morrison e Ray Manzarek frequentaram muitas vezes para comer e divertirem-se.

O Rui Silva entrevistou também o Professor Frederick Burwick, um professor emérito de inglês da UCLA. O Professor Burwick conheceu Jim Morrison em 1965. Segundo Burwick, Jim Morrison veio ter com ele porque desejava fazer um trabalho sobre William Blake. Morrison escreveu-o e entregou-o ao professor Burwick para que este o avaliasse. As conversas do Rui com o professor Burwick proporcionaram muitas pistas importantes acerca dos interesses intelectuais de Jim Morrison em meados dos anos de 1970. O Rui Silva trouxe também ao *campus* Michael C. Ford, um poeta de Los Angeles bastante conhecido, e um dos amigos dessa época de Jim Morrison. Conheceram-se na UCLA e o Michael seguiu a carreira dos Doors até à morte de Morrison. Mais tarde trabalhou com Ray Manzarek e John Densmore em eventos de poesia e música. Ford visitou com o Rui o local onde foi instalada a Escola de

Cinema, para proporcionar uma melhor perspectiva histórico-geográfica sobre os primeiros tempos da concepção dos Doors (uma fotografia do Michael nesse terreno encontra-se impressa no trabalho do Rui).

Para além de todas estas actividades, Rui Silva passou semanas a trabalhar na sala de microfilme, a ler todos os assuntos do lendário *UCLA Daily Bruin* (o jornal da universidade), do período de 1964/65. Ele procurou qualquer notícia associada com Jim Morrison, Ray Manzarek, a Escola de Cinema e outros assuntos relacionados com os primeiros tempos da carreira dos Doors. Para enquadrar os assuntos, empreendeu um estudo sociocultural dessa época, utilizando o jornal como fonte principal (a melhor fonte possível porque reporta as actividades diárias do *campus*). Depois de uma enorme quantidade de trabalho exaustivo e ininterrupto, ele descobriu material muito interessante, por exemplo, uma notícia sobre uma *performance* específica na UCLA da banda que precedeu as origens dos Doors — os Rick and The Ravens — a banda onde Ray Manzarek tocava com os seus irmãos e que Jim Morrison e John Densmore integraram mais tarde. Ele encontrou também notícias históricas sobre exposições de filmes da Escola de Cinema (históricas porque falam da mostra do filme *Evergreen* de Ray Manzarek, que na altura era desconhecido), e outros assuntos relevantes. Em resumo, o Rui Silva foi mais além da informação que o *campus* podia proporcionar e com isso desenvolveu um trabalho aprofundado e com perspectivas diferenciadas, incluindo a correcção de informações nos arquivos da própria UCLA como, por exemplo, informação errada sobre o local de residência de Jim Morrison no Sproull Hall (um dos dormitórios da UCLA) entre 1962 e 1964. Jim Morrison chegou à UCLA em Fevereiro de 1964, proveniente da Universidade Estadual da Florida (Florida State University), onde esteve dois anos. Essa é a razão por que esteve na UCLA apenas entre 1964/65.

Parte II: «Portugal e os Doors»

A segunda parte da *Caravana Doors* começa com um estudo detalhado de referências aos Doors na imprensa portuguesa. Proporciona uma superabundância de exemplos retirados de diferentes jornais e revistas portugueses. Rui Silva demonstra aqui que cada década, desde 1970, revela uma forma diferente de representação e discussão sobre os Doors. Estes exemplos destacam também a influência dos Doors nos leitores portugueses (através de assuntos especiais nos jornais, ex: no jornal *Blitz*), eventos especiais em Portugal, e assim por diante.

O estudo sobre os Doors em Portugal começa no período em que a banda atingiu o lugar cimeiro nas tabelas musicais (1967, durante a era de Salazar em Portugal). Pelo facto de o país não ter ainda uma imprensa especializada nos anos de 1960 que reportasse em detalhe as actividades das bandas estrangeiras, como os Doors, Rui Silva entrevistou Cândido Mota, uma personalidade muito conhecida da rádio portuguesa que em 1965 foi membro original do lendário programa radiofónico Em Órbita (o programa que apresentou os Doors em Portugal, assim como os Beatles, os Rolling Stones, muitas outras bandas, e artistas a solo como Bob Dylan).

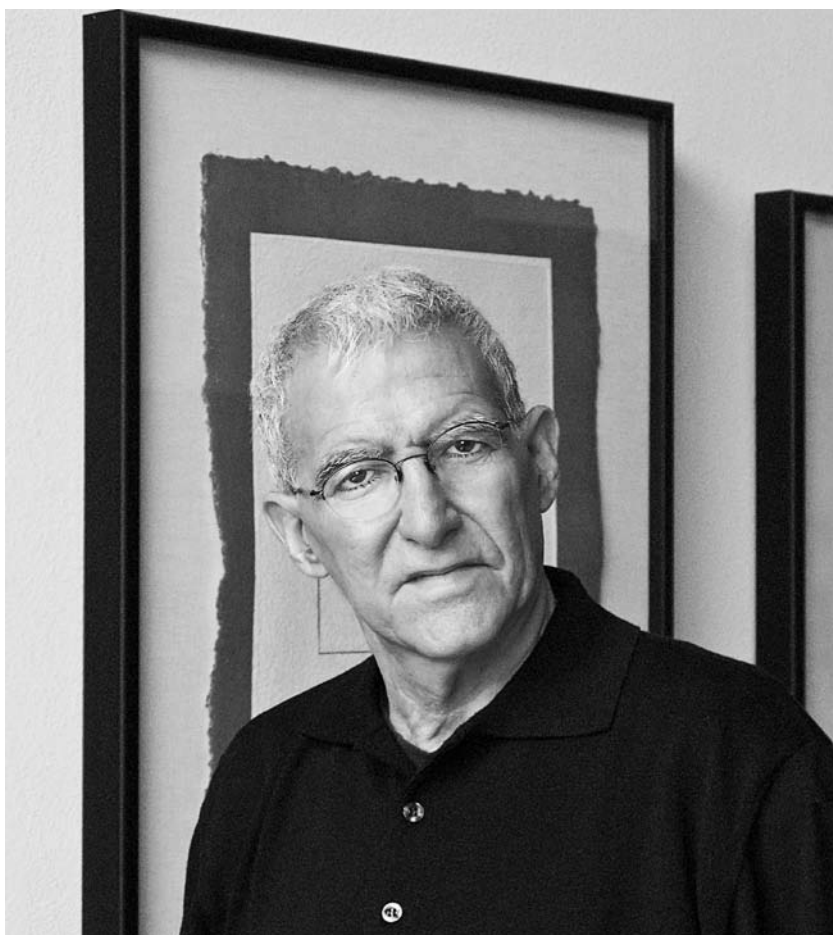
Muitos outros bons exemplos podem ser encontrados no trabalho do Rui sobre a influência dos Doors na música e na cultura portuguesa em geral. O *Caravana Doors* realça também o impacto dos Doors em Portugal através de um evento histórico muito específico, até ao momento quase desconhecido.

Desde 1961 até 1974, Portugal esteve envolvido numa guerra em África. A América estava no Vietname. A música dos Doors teve um impacto emocional importante em alguns jovens soldados portugueses que sentiam a mesma incerteza e dúvida que os jovens militares americanos estavam a sentir e isso foi descrito pelos Doors na canção «The Unknown Soldier» (O Soldado Desconhecido). Rui Silva entrevistou veteranos de guerra portugueses, e no livro podem ser encontrados exemplos dos seus pontos de vista.

Por outras palavras, Portugal viveu os primeiros anos da influência dos Doors de uma forma diferente de, por exemplo, Espanha, França e outros países europeus que não estiveram envolvidos em nenhuma guerra. Esse facto criou uma ligação especial entre a música e as letras dos Doors e os fãs portugueses da banda, proporcionando um novo entendimento da influência pioneira dos Doors no país. Portugal encontrava-se fechado ao mundo (a censura prevalecia), mas os Doors não foram censurados na rádio, nem nos jornais. Se existiam problemas na transmissão da influência dos Doors, não era tanto devido à dificuldade de alcançar as fontes (não havia Internet) e ao subdesenvolvimento da indústria musical portuguesa da altura, mas devido a outros assuntos que estão bem explicados no trabalho do Rui Silva.

Finalmente, o Rui Silva fez uma série de entrevistas muito relevantes a artistas portugueses muito conhecidos nas áreas onde os Doors marcaram presença. O resultado dessas entrevistas mostra o quão profunda foi, e continua a ser, a influência dos Doors nalguns artistas portugueses de diferentes gerações e diferentes géneros artísticos (música, poesia e cinema).

Teófilo Ruiz



© Scarlett Freund 2009. Utilizada com permissão.

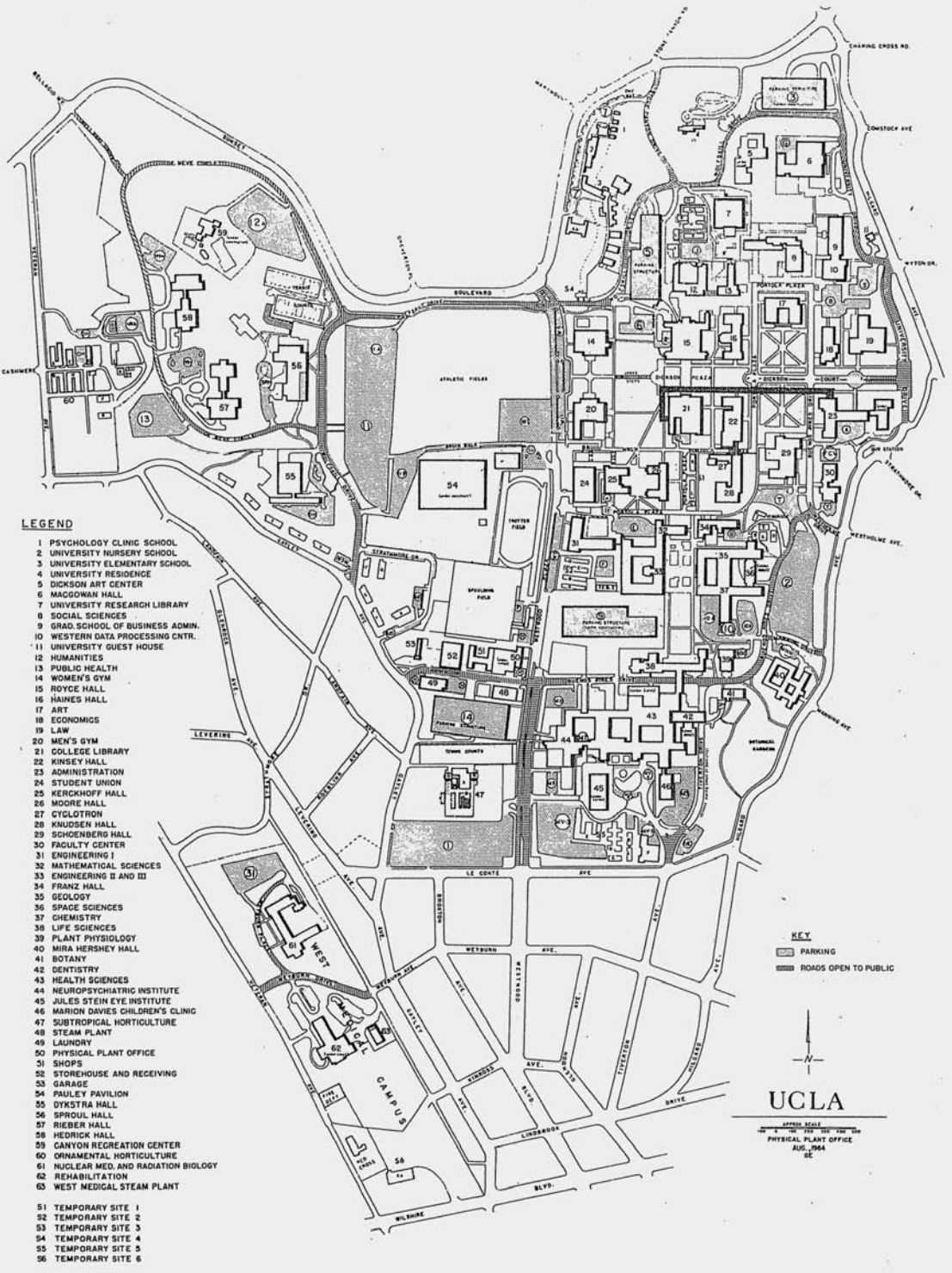
TEÓFILO RUIZ é um reputado Professor Catedrático da UCLA. Especialista mundialmente respeitado na área da história medieval. Publicou muitos livros, assim como inúmeros artigos e resenhas críticas em diferentes jornais. Conhecido e estimado pelo seu intelecto e carácter, ensinou na Universidade de Brooklyn, no CUNY Graduate Center, na Universidade de Michigan, na Universidade Estatal do Michigan (Michigan State University), na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (École des Hautes Études en Sciences Sociales) e na Universidade de Princeton (Princeton University) — como professor visitante por ensino de excelência — antes de vir para a UCLA em Julho de 1998. Em 1994, a Carnegie Foundation considerou Teófilo Ruiz um dos quatro Professores do Ano nos Estados Unidos. São inúmeros os prémios de ensino que já recebeu. Foi também presidente do Departamento de História desde 2002 a 2005. Fez conferências nos Estados Unidos, México, Argentina, Brasil, Espanha, França e Itália. Em 2007, ganhou o prestigiado prémio Guggenheim Fellowship para prosseguir a sua pesquisa (um projecto sobre festivais, rituais e poder nos finais da idade medieval e inícios da idade moderna em Espanha). Em 2008, foi nomeado presidente do Departamento de Espanhol e Português da UCLA. Em 2009, nesse mesmo departamento, deu um apoio total e fundamental para que os Doors se tornassem num objecto de estudo na UCLA (a universidade onde Jim Morrison e Ray Manzarek se conheceram). Com essa acção Teófilo Ruiz abriu literalmente as portas à *Caravana Doors* na reputada instituição norte-americana, lançando um importante marco no intercâmbio cultural luso-americano.

PARTE I

**UCLA – Universidade da Califórnia
Los Angeles
1964/65**

1964

Cortesia UCLA University Archives, Los Angeles, California.



Planta do campus da UCLA (1964).

Introdução

Neste emblemático e imponente *campus* da Califórnia estudaram inúmeras celebridades, e entre elas Jim Morrison, Ray Manzarek e Robby Krieger. Nesta altura conheceram-se os então anónimos Jim e Ray quando frequentavam a antiga Divisão da Escola de Cinema do Departamento de Artes Cénicas (Theater Arts Department) da UCLA. A Escola de Cinema situava-se, naquela época, na estrutura a norte do edifício 12 (Humanities), que se pode ver na planta do *campus* da página anterior e que oportunamente merecerá o devido destaque.

Esse é um dos famosos departamentos da mítica UCLA por onde passaram outros nomes emblemáticos como Francis Ford Coppola. John Densmore também caminhou por este *campus* e já passaram mais de quatro décadas desde que os Doors por aqui deambulavam em estudos e primeiros concertos. Naturalmente muita coisa se alterou, muitas instalações deixaram de existir e outras sofreram remodelações profundas. Todavia, algo importante permanece intacto. *A memória.* São diferentes as suas manifestações, sendo que as mais relevantes se encontram nas lembranças de ex-colegas de Morrison e Manzarek e nalguns recantos destes intermináveis corredores.

Rumar à UCLA é viajar ao interior do óvulo. Percorrer os caminhos da gestação e abrir as portas à maternidade Doors. É estritamente necessário percorrer o seu âmago para ouvir essa batida longínqua, mas vigorosa ainda, no *campus*. Abrir as portas e entrar na memória da Escola de Cinema para perceber como a semente ali desabrochou. Entre câmaras, emaranhados de fios e bobinas, surgiram conceitos. No espaço dos antigos barracões desenrolou-se um guião mental para uma experiência musical e poética sem precedentes que teve no cinema um aliado fortíssimo. Ideias que viriam a ter uma expressão mais definitiva em Venice.

Assim, perceber a totalidade do início da experiência Doors implica rumar a este departamento específico da UCLA onde o ainda desconhecido Jim Morrison burilava ideias de um concerto difuso que começava a ganhar forma na sua cabeça.

Por entre a massa de alunos de cinema circulava o também desconhecido Ray Manzarek, que cantava e tocava órgão com os seus irmãos na banda Rick and The

Ravens, a banda da pré-história dos Doors que desde 1964 chegou a actuar em festas na UCLA.

É precisamente através dos corredores da UCLA e por todo um combinado especial de memórias que se vai viajar até ao coração de Westwood para conhecer o *campus* de 1964/65.

Parafraseando o próprio Jim Morrison:

IS EVERYBODY IN? THE CEREMONY IS ABOUT TO BEGIN...

Do passado, a UCLA mantém ricas tradições e um mosaico multicultural fascinante. A sua atmosfera vibrante e diversificada é uma das suas principais características. Contudo, as suas actuais infra-estruturas estabelecem uma nítida diferenciação com o seu passado.

No princípio dos anos de 1960, o *campus* entrou num processo de reestruturação profunda. Foi dado início a uma vastíssima frente de obras. Um trabalho de engenharia brutal que criou uma autêntica revolução paisagística naqueles vastos terrenos em Westwood.

Na base das alterações encontrava-se a necessidade de a instituição dar resposta satisfatória às carências do número crescente de alunos. Tanto ao nível de salas de aula como também, por exemplo, ao nível do estacionamento dos automóveis. Por isso não perderam tempo a iniciar construções de parques de estacionamento e edifícios que nos anos seguintes iriam proporcionar a resposta adequada a tais necessidades.

Assim, quando Jim Morrison chegou à UCLA conheceu uma realidade bem diferente da que hoje se apresenta. Muitos dos edifícios que percorremos na actualidade não existiam em 1964, outros tinham designações diferentes e outros foram mais tarde demolidos para construir novas e mais apetrechadas instalações. Uma dessas estruturas arrasadas foi precisamente a mítica Escola de Cinema da UCLA que Jim Morrison, Ray Manzarek e tantos outros frequentaram até à segunda metade dos anos de 1960.

Da antiga Motion Picture Division (a designação atribuída à Escola de Cinema naquela altura) nada resta no terreno. Embora o local esteja completamente descaracterizado, é, sem dúvida, uma experiência fabulosa idealizar no terreno a disposição daquele reduto que se encontra identificado por pontos fixos de referência do passado. É o caso do Parque de Estacionamento número 5 a oeste, a Young Research Library a leste, o Rolfe Hall (antes conhecido por Humanities Building) a sul, e a norte a estrada Charles E. Young, que na altura tinha outra designação.

Em pleno século XXI, e mais concretamente a partir do vizinho Rolfe Hall, vamos conhecer e entrar literalmente na vibrante atmosfera cultural da UCLA de 1964/ 65 (quando Morrison e Manzarek eram aqui alunos de cinema). Conhecer o ar que respiravam naquele *campus*, numa altura em que a América enfrentava questões político-sociais complexas. Aspectos fundamentais que influenciaram a arte, moldaram pensamentos e definiram a segunda metade da década de 1960.

Para conhecer concretamente esse universo estudantil onde as raízes dos Doors foram semeadas e perceber o seu enquadramento cultural, é vital empreender uma longa e complicada viagem. Percorrer essa época página a página no mítico jornal do *campus*: o *UCLA Daily Bruin* (Jornal Diário do Estudante da UCLA).

Depois de enquadrado o contexto onde residiam algumas actividades fundamentais que envolveram Jim, Ray e a pré-história da banda, vamos partir para o terreno e ressuscitar a mítica Escola de Cinema de Jim Morrison e Ray Manzarek. Uma velha glória do passado do *campus* norte onde se encontram as raízes que deram origem aos Doors.

UCLA — 1964

Percorrendo as edições do jornal *UCLA Daily Bruin* de 1964, fica-se a conhecer concretamente a riqueza e diversidade cultural do *campus* naquele ano. O jornal faz juz ao nome. É um diário autêntico, que espelha assuntos diversificados da actualidade universitária e social (nacional e internacional).

Nas inúmeras circunstâncias relatadas nas notícias do *Bruin* encontram-se também propostas para eventos cinematográficos, musicais e literários. Muitos desses eventos ocorreram simultaneamente em locais próximos ou distantes do *campus*. Na realidade, a oferta de boas propostas é apenas uma das características que compõem a diversidade e multiculturalidade pela qual a UCLA é conhecida.

Nessa época em que Jim Morrison e Ray Manzarek integravam a massa anónima de estudantes da UCLA, participaram em eventos que também foram noticiados pelo *UCLA Daily Bruin*. De uma forma genérica, tratava-se de notícias sobre a mostra de filmes de estudantes e eventos de socialização no *campus* (concertos, por exemplo). Eventos importantes que moldaram a história cultural da UCLA naquele ano.

Para conhecermos melhor o contexto dessa diversidade cultural da UCLA em 1964 vamos ilustrar algumas passagens significativas do *Daily Bruin*. Cinema, música, poesia, teatro e outras áreas que influenciaram os Doors vão ser o alvo primordial de destaque. Vai ser também dada especial relevância ao enquadramento da actualidade social da época, devido à importância do seu impacto na vivência do *campus*. Temas que viriam a reflectir-se no trabalho dos Doors.

Na edição do *Daily Bruin* de 1 de Abril de 1964 surge uma referência directa a uma iniciativa levada a efeito pelo Departamento de Artes Cénicas (Theater Arts Department) onde se inseria a Divisão da Escola de Cinema que Jim Morrison e Ray Manzarek frequentaram. Assim, nessa quarta-feira, dia 1 de Abril, a página 6 do *Bruin* anunciava uma audição para integrar o elenco de uma peça teatral: «O Departamento de Artes Cénicas está em busca de talentos para completar o elenco da sua produção *Carousel* no sentido de fazer uma digressão ao Japão, Coreia e Filipinas no Verão. As audições começam hoje às 16h e às 19h30 no Macgowan (edifício da Escola de Teatro da UCLA) e nos dias seguintes às 13h30

e às 19h30, até sexta-feira. A digressão partirá para o Oriente a 28 de Junho e regressará a 22 de Agosto».

Ao longo das edições do jornal encontram-se referências constantes a notícias e anúncios de peças teatrais que foram desenvolvidas pelo departamento da instituição. Encontram-se também outras encenações de palco externas que estiveram em cartaz em Los Angeles. Grandes e pequenas produções de coreógrafos de diferentes países foram integralmente apresentadas para informar o melhor possível o mosaico transnacional do *campus*. Semelhante tratamento tiveram outras formas de arte, onde obviamente se inclui o cinema.

O Filho Pródigo (*The Prodigal Son*), filme realizado por Hiromichi Horikawa, foi um dos muitos filmes externos às produções da UCLA que foram noticiados pelo jornal universitário nesta altura (na página 5 da edição de sexta-feira, 10 de Abril de 1964).

Os filmes japoneses e europeus tiveram um forte impacto junto dos alunos de cinema contemporâneos de Jim Morrison e Ray Manzarek. Morrison estava mais voltado para o cinema europeu. No *Bruin* não faltavam propostas em cartaz para ver películas europeias, tanto dentro como fora da UCLA. O mesmo se aplicava ao trabalho dos realizadores americanos, asiáticos e de outras nacionalidades.

Na capa do *Daily Bruin* de sexta-feira, 17 de Abril de 1964, surge um destaque interessante da vida social do *campus* desse tempo em que Jim e Ray eram estudantes de cinema: «Vota Hoje! Primavera de 1964, Vota Hoje!». Nestes termos era noticiada a eleição para a presidência da Associação de Estudantes agendada para aquele dia. Os candidatos ao lugar: «Cinco candidatos disputam a Presidência: Craig Brown, Jeff Donfeld, Ken Meyer, Michael Mussa, Charles Knill». Deste lote um deles iria liderar a associação mais representativa dos estudantes da UCLA. O caso fez correr muita tinta e o nome do vencedor foi naturalmente revelado nas edições seguintes do jornal universitário.

Num texto de Charles Distrone (jornalista do *Bruin*), datado de 21 de Abril de 1964, foram conhecidos desenvolvimentos dessa eleição. «Donfeld, Meyer, Perseguem Presidência. Vão debater assuntos nas Janss Steps [local da UCLA]». Conhecidos os finalistas foi também ilustrada uma fotografia nessa capa do *Daily Bruin* com eles perfilados em frente a microfones em pleno *campus* da UCLA. Na legenda somos informados: «Ken Meyer, Jeff Donfeld recriminam-se mutuamente nas Janss Steps».

Finalmente o vencedor: «Jeff Donfeld foi ontem eleito Presidente da ASUCLA, derrotando Ken Meyer por 224 votos...». Assim anunciava o jornalista Charles Distrone na edição de quinta-feira, 23 de Abril de 1964. A ASUCLA (Associação de

Estudantes da UCLA) conhecia finalmente um novo líder naquele ano em que Jim Morrison chegara à Universidade da Califórnia.

Passado o enfoque à eleição presidencial, novos destaques internos e externos da vida do *campus* mereceram atenção. A nível externo foi dado a conhecer um conjunto de assuntos que directa e indirectamente interferia com a vida dos estudantes. Uma referência importante encontra-se na página 12 da edição de quarta-feira 13 de Maio: «Jornal méxico-americano toma posição anti-governamental». O título reporta uma insatisfação crescente da maior comunidade hispânica a residir em Los Angeles. Na peça, o jornalista Richard Stephens escrevia no primeiro parágrafo: «Um sentimento crescente de insatisfação e ressentimento contra o estado actual em que se encontra a comunidade méxico-americana de Los Angeles serviu de pretexto para se criar aqui um novo jornal, *The Eagles*. Descrito no seu editorial como “a voz dos americanos nascidos no México” pode também ser apelidada de voz do dissidente méxico-americano».

Todavia, esta era apenas mais uma questão social complicada entre tantas outras que viriam a marcar o ano de 1964. O México foi uma das paragens de romagem de Jim Morrison enquanto estudava na UCLA. São conhecidas várias histórias dessas incursões que fez com ex-colegas da Escola de Cinema. Outras perderam-se na obscuridade das memórias do tempo.

Já a edição do *Daily Bruin* de quinta-feira 14 de Maio de 1964 destaca um assunto que se tornou um tema recorrente da época, o problema de estacionamento no *campus* e as taxas cobradas para o efeito: «As taxas de estacionamento voltam a subir», proclamava o título da peça de Douglas Faigin. O reflexo da subida do custo de vida foi o motivo apontado pelo jornalista. No semestre seguinte os alunos poderiam contar com um acerto significativo: «A tabela de autorização anual de estacionamento vai subir de 50 para 72 dólares...». A pouco e pouco este tema aparentemente inócuo tornou-se num dos assuntos internos mais controversos e corrosivos.

De volta à cultura no *campus*... «Música penetra dormitórios». Com este título a repórter Joanna Pânico deu a conhecer um pouco melhor a rádio interna aos estudantes da UCLA. Na página 3 dessa edição de sexta-feira 15 de Maio, Joanna fez uma autêntica visita guiada ao mundo animado do som: «As agulhas saltam e as ideias giram numa sala estreita da cave do Sproull Hall, enquanto a música se eleva para encher as divisões de dois complexos residenciais da UCLA. É a KCLA, a actual estação de rádio do *campus*.

A operar desde Fevereiro de 1963, a emissora evoluiu de um pequeno espaço, um par barato de *headphones*, um microfone e um transmissor emprestado para um

impressionante conglomerado de equipamento, a maior parte dele construído pelo engenheiro-chefe Al Egan e seus associados.

A vasta discoteca está continuamente em crescimento e exige mais espaço.

A programação é estritamente dedicada aos estudantes. O *rock 'n' roll* passa das 15h às 16h. Música clássica aos domingos à noite. Cada noite é animada por três programas especiais... com o mínimo de conversa depois das 22h. A publicidade para os grupos do *campus* é gratuita. A KCLA consegue transmitir para sete *campus* da Califórnia...».

Nesta altura, o grupo musical Rick and The Ravens onde Ray Manzarek tocava com os irmãos estava em franca actividade. John Densmore veio a integrar mais tarde a formação, onde veio juntar-se a Ray e a Jim que seguia as *performances* deles e ocasionalmente nelas participava.

Este tipo de publicidade gratuita oferecida pela KCLA era, sem dúvida, uma mais-valia importante para os jovens grupos que pretendiam actuar no *campus* e zonas envolventes. Os Rick and The Ravens tocaram na UCLA e como veremos mereceram mesmo um destaque no *Daily Bruin*. Nesta altura, Jim Morrison começou também a desenvolver um gosto particular pelo som e pela forma de o captar. Inclusive chegou a comentar com colegas de curso que a rádio talvez fosse um caminho para ele.

Ainda sobre o ambiente cultural da UCLA, um destaque relevante ilustra a página 23 da edição de 15 de Setembro de 1964. Nessa terça-feira a rubrica «Intro» do *UCLA Daily Bruin* dá a conhecer: «Uma antevisão de cultura no *campus*». Desse programa destaca-se: «A 13 de Novembro o Comité de Belas-Artes, em cooperação com a Comissão Cultural do Estudante, vai apresentar o Festival do Improviso 1964. Uma tentativa para criar arte em que se destaque uma parceria entre a audiência e o executante... A 15 de Novembro, a seguir a uma mostra de filmes experimentais, Ravi Shankar, o melhor compositor e tocador de cítara indiano, que marcou a trilogia do *Pather Panchali*, virá ao Royce Hall para apresentar *Absolute Music*, a criação do artista no momento da *performance*.

[...] A começar a 8 de Outubro e prolongando-se até 17 de Dezembro, decorre uma série de filmes franceses, “Amor, Morte e Mistério”. Vão ser apresentados *Diário de um Pároco de Aldeia* de Bresson, *A Cadela* de Renoir, *Os Bons Companheiros* de Duvier, *Os Dois Tímidos* de Clair, *O Sol por Testemunha* de Clement e *The Runaways of St Ágil* de Christian Jacque... Finalmente, a série de “Aventuras de Poltrona” vai começar a 16 de Outubro com *Contrastes Caribianos*, narrada por Art Wilson. Estas séries de documentários vão continuar até à Primavera».

Os tópicos apresentados revelam uma agenda diversificada sobre um determinado tipo de eventos que tiveram uma repercussão importante. O factor imprevisto foi um aspecto vital amplamente explorado pelos alunos da Escola de Cinema quando pensavam e concretizavam a produção dos seus filmes. Jim Morrison transportou essa característica para os Doors e são muitos os exemplos conhecidos nessa matéria. A ligação estreita, umbilical mesmo, que estabelecia com o público através do imprevisto proporcionou alguns dos momentos mais marcantes e caricatos da história do *rock* (bons exemplos são a célebre *performance* do «The End» no Whisky a Go-Go, no mítico concerto dos Doors no Hollywood Bowl, a produção de palco a fazer o tiro no Unknown Soldier, etc.). O próprio trabalho de estúdio dos Doors foi também caracterizado por rasgos intensos de excelentes improvisos. Um bom exemplo encontra-se na forma totalmente espontânea como surgiu a música «L.A. Woman».

O evento de 15 de Novembro reunia características apetecíveis para os então alunos Jim Morrison e Ray Manzarek. A exibição de filmes experimentais e um grande momento musical que trazia ao *campus* Ravi Shankar, a maior estrela internacional da música indiana. Ray Manzarek, John Densmore e Robby Krieger praticavam meditação transcendental com o guru Maharishi e foram bastante influenciados pela música indiana. Nos Doors encontram-se ritmos que expressam essa influência e embora Jim Morrison não tivesse aderido à meditação dedicou a composição «Take It as It Comes» ao Maharishi.

A improvisação é outro dos pontos fortes de Ravi Shankar. Veio demonstrar essa capacidade no mítico Royce Hall da UCLA. Este edifício único comporta um historial invejável. Também aqui se encontram espalhadas as raízes dos Doors (aqui fizeram uma das primeiras actuações do seu historial e longe estavam ainda os tempos de serem sequer conhecidos nacionalmente. Um momento muito especial que aconteceu em 1965 e será abordado na devida altura).

Como já foi referenciado, os filmes franceses tiveram uma enorme influência junto dos alunos da Escola de Cinema da UCLA. Jim Morrison era um interessado nessa corrente cinematográfica e portanto sorveu influências que transpôs para as suas criações. Cineastas como Godard exerceram um fascínio no então aspirante a Rei Lagarto. Godard era reconhecido por praticar um cinema polémico e vanguardista. A sua originalidade e atitude «provocadora» fizeram dele um dos principais nomes da Nova Vaga (*Nouvelle Vague*) do cinema francês. Morrison comungava de atributos semelhantes e à experiência do cinema francês juntava um fascínio absoluto pelos poetas simbolistas franceses. Rimbaud, o «enfant terrible» que tanto deliciou Morrison, era o principal.

O *UCLA Daily Bruin* de 1964 apresentou uma mescla interessante de referências culturais que curiosamente influenciaram o trajecto dos Doors a diferentes níveis. Em simultâneo ilustrou as questões principais que a instituição enfrentava, assim como os grandes temas da política interna e externa norte-americana que interferiam com as opções dos jovens estudantes da época. A título de exemplo da cobertura da realidade interna do *campus*, surgiu na capa da edição de 22 de Setembro mais um grande destaque à problemática do estacionamento na UCLA da altura. Numa fotografia onde é visível uma longa fila de automóveis, a legenda esclarece: «Estacionar ou Estacionar Gratuitamente — Estas são as questões que novamente rodeiam as autorizações dos estudantes; outros estacionam gratuitamente ao longo da Veteran [avenida de Los Angeles] para evitar os 75 cêntimos exigidos no estacionamento do *campus*. Alguém pensou nas bicicletas?».

Embora um número crescente de alunos preferisse estacionar a alguma distância da UCLA para não pagar estacionamento, a própria UCLA enfrentava problemas sérios com o espaço para estacionamento automóvel. À primeira vista parece um contrassenso, mas na realidade não é. Pese embora o facto de o número de estudantes contestatários ser cada vez maior, muitos estacionavam na UCLA por falta de opção nos quarteirões vizinhos. Com um número cada vez maior de estudantes na instituição, e naturalmente de automobilistas, o espaço reservado a estacionamento começou a tornar-se demasiado pequeno. A capa da edição de 22 de Setembro diz ainda: «Alguns estudantes resolvem o problema caminhando; outros, que têm mesmo de conduzir, aderem à taxa de estacionamento. Os últimos ainda possibilitam uma boleia para as aulas...».

A descrição ilustra perfeitamente a realidade da época na «cidade do automóvel». As boleias não só se tornaram uma alternativa como também preencheram o imaginário de uma época em que o «On the Road» e a geração *Beat* influenciaram fortemente Jim Morrison, Ray Manzarek, John Densmore, Robby Krieger e seus contemporâneos.

A problemática do estacionamento foi assumindo contornos diversos ao longo dos tempos e a esse respeito vamos ilustrando situações reportadas no *Bruin* sempre que se revelarem importantes para retratar a UCLA da época de Jim Morrison e Ray Manzarek.

O *UCLA Daily Bruin* dedicava uma rubrica própria ao cinema: «Sobre Cinema» («On Film»). Longas resenhas marcaram a filosofia deste espaço. Por vezes foram analisados filmes/documentários de bandas *rock*, como aconteceu na página 6 da edição de 23 de Setembro. Num texto assinado por David Paletz, o crítico es-

creveu sobre o filme *Hard Day's Night* dos Beatles: «Eu gosto do *Hard Day's Night*, mas os Maysles Brothers fizeram um filme infinitamente superior com os Beatles, que, na tradição do cinema *vérité*, cobre a primeira digressão e actuações nos Estados Unidos».

Nesta altura, os Beatles e os Rolling Stones eram as únicas bandas *rock* de topo. O Whisky a Go-Go tinha aberto recentemente no Sunset Boulevard e lentamente o ambiente de clubes começava a criar uma atmosfera especial que só irrompeu verdadeiramente no ano seguinte. Bob Dylan estava a começar e em breve a América sentia que os tempos estavam mesmo a mudar.

Uma autêntica revolução estava em marcha. A juventude queria alterar o estado de coisas e a música seguiu a ideia a preceito. «De repente» tudo começou a ser colocado em causa. Em 1964 começaram a sentir-se as primeiras movimentações em torno de assuntos que assumiram o topo da visibilidade no célebre «Verão do Amor» de 1967. Vietname, contestação, «sexo, drogas e *rock 'n' roll*». Alguns tópicos da receita explosiva que rotulou a época.

Falar de «sexo» em 64 estava ainda longe de ser pacífico. Um exemplo claro é ilustrado na capa da edição de 29 de Setembro do *UCLA Daily Bruin*: «Fórum Aberto Para Ouvir a Palestra de Ralph Ginsburg». No desenvolvimento, a repórter Ellen Kotzin apresenta-nos a polémica: «Ralph Ginsburg, pornógrafo condenado, cuja visita ao *campus* da UCLA tem sido objecto da mais recente controvérsia, vai falar ao meio-dia no Student Union Grand Ballroom. Com a devida identificação apenas podem entrar estudantes, professores e funcionários da UCLA». Todavia, a polémica em torno desta visita arrastou-se por mais algumas edições. Com o sexo no centro das atenções levantaram-se vozes contra o célebre visitante que fora condenado em 1963 por violar as leis de obscenidade federal. Algo de que curiosamente o então anónimo Jim Morrison viria também a ser acusado anos mais tarde em Miami. Em circunstâncias diferentes, mas com o sexo e «linguagem indecorosa» no centro da questão.

A capa da edição de 5 de Outubro do *UCLA Daily Bruin* apresenta um outro tema quente da época. Num texto da «Associated Press» ficámos a conhecer os pormenores:

«BERKELEY (AP). As manifestações na Universidade da Califórnia sobre a proibição no *campus* da recolha de fundos dos direitos civis terminaram de forma pacífica na sexta-feira à noite.

Uns 400 manifestantes e a multidão de 3500 espectadores começaram a dirigir-se para as saídas do *campus* depois de ter sido anunciado um acordo de seis alíneas

entre os manifestantes e o Presidente da Universidade Clark Kerr. O acordo foi lido por Mário Savio, 21 anos de idade, licenciado em Filosofia, e que estava no rol dos oito estudantes suspensos na contenda política.

Num dos seis pontos do acordo figurava a promessa de que a Universidade não irá levantar acusações contra Jack Weinberg, o jovem não estudante de 24 anos que foi preso pela polícia do *campus*. Weinberg ficou sentado num carro da polícia do *campus* desde as 11h30 da manhã de quinta-feira até depois de a multidão começar a dispersar por volta das 7h45 de sexta-feira.

Os estudantes sentaram-se à volta do carro da polícia e impediram que dali saísse. Assim que a multidão partiu, Weinberg foi levado à esquadra da polícia do *campus*, acusado de invasão, e foi libertado após o ter reconhecido.

Savio e 13 estudantes, em representação de vários *campus*, tiveram um encontro de duas horas com Kerr e o chanceler E.W. Strong na sexta-feira à noite...».

Resolvida a contenda, tudo terminou «em bem». Inicialmente as notícias davam conta de uma situação que a princípio se julgou inócua, mas num curto trecho revelou-se um autêntico barril de pólvora. Estes eram apenas os primeiros episódios de uma escalada que se viria a espalhar em diferentes direcções.

Os ecos das míticas manifestações na Universidade de Berkeley não tardariam a chegar à UCLA de Jim Morrison e Ray Manzarek. O ponto de partida de tudo o que se seguiu na grande contestação às condições dos estudantes, às desigualdades raciais, à guerra no Vietname e outros tópicos emergentes da sociedade americana que mobilizaram os *campus* e milhões de americanos espalhados nos diferentes estados.

A arte não tardaria a dar resposta a toda esta agitação. Na música, Bob Dylan perfilava-se como o profeta, o denunciador das desgraças de uma era que ainda estava longe de conhecer os momentos mais complicados. Todavia, nem tudo era feio e obscuro e na música respirava-se criatividade e originalidade. Um momento propício para fazer da própria música um «Happening» nunca antes visto.

Nesta altura a magia dos Doors era ainda uma autêntica miragem, mas o terreno para os receber já tinha começado a ser lavrado. No *UCLA Daily Bruin* de 6 de Outubro de 1964 foi publicado um anúncio sobre o Pandora's Box, na página 6. Um dos míticos clubes do Sunset Boulevard que acolheu a explosão do *rock* da segunda metade dos anos de 1960. Quando em 1966 os Doors começaram a actuar nesse circuito de clubes, o Pandora's Box foi encerrado. Verificou-se uma larga contestação e inclusive o célebre motim com a polícia no Verão desse ano. Todavia os tempos eram outros, e neste ano de 1964, enquanto Jim Morrison e Ray Manzarek

eram estudantes anónimos de cinema o *UCLA Daily Bruin* publicou diversos anúncios a noticiar os eventos do mítico clube de Los Angeles.

No dia seguinte, 7 de Outubro, voltámos à rubrica «Sobre Cinema» («On Film») de Chris Breyer para na página 4 encontrarmos um destaque sobre um dos realizadores estudados por Ray Manzarek e Jim Morrison.

«[...] Recomendado na Cidade

Esperemos que o Cinema Encore vá continuar por uma terceira semana a sua mostra bastante bem sucedida dos três primeiros filmes de Truffaut, *Os 400 Golpes*, *Disparem sobre o Pianista*, e *Uma Mulher para Dois*. Vistos neste contexto, embora todos os três sejam bastante significativos, percebe-se que *Uma Mulher para Dois* é um milagre genuíno, um dos três ou quatro grandes filmes da última década...».

Ainda sobre a importância deste cineasta francês, abre-se aqui um parêntesis importante. Anos mais tarde, o baterista dos Doors (John Densmore), na sua autobiografia *Riders on the Storm. A Minha Vida com Jim Morrison e os Doors*, escreveu na página 33: «Deverias ver o filme *Uma Mulher para Dois*, John», Ray tinha insistido. Eu sabia que era um filme do director francês (Truffaut) e o título excitava-me...». Já Ray Manzarek, na sua autobiografia *Light My Fire. A Minha Vida com os Doors*, escreveu na página 63: «Nos anos de 1960 éramos ensinados a emular a Nova Vaga francesa. Cineastas como Godard e Truffaut e Robert Bresson. Akira Kurosawa e Kenji Mizoguchi do Japão...».

Através da Escola de Cinema, Ray Manzarek e Jim Morrison tiveram contacto com realidades cinematográficas distintas e nessa miscelânea de influências moldaram o seu próprio estilo.

Continuando a crítica de Chris Breyer na rubrica «Sobre Cinema» («On Film»), a dada altura é feita uma alusão a Robert Bresson, outro dos cineastas citado por Ray Manzarek: «A extensão do Comité de Belas-Artes apresenta o fantástico *Diário de Um Padre*, de Robert Bresson, repondo os 18 minutos de filme que tinham sido cortados da cópia americana, e que é um encanto absoluto para quem goste realmente de cinema...».

O *Diário de Um Padre* de Bresson é de novo o tema de destaque na edição do dia 8 de Outubro do *UCLA Daily Bruin*. Desta vez aparece na rubrica «Adivinhem» («Guess What?»), com uma apresentação especial na UCLA: «Filmes Franceses. *Diário de Um Padre*, um filme de 1950 de Robert Bresson, vai ser apresentado às 20h no Royce Hall como primeira sessão de uma série dividida em seis partes.

Os bilhetes para a série de filmes de Outono da UCLA estão à venda na bilheteira de concertos da UCLA, 10851 Avenida Le Conte. Os bilhetes para filmes individuais são vendidos apenas à porta».

Mais adiante, surge novo exemplo da multiculturalidade que caracteriza a UCLA. Portugal mereceu um destaque na edição de quinta-feira, 15 de Outubro de 1964. Uma notícia do *Daily Bruin* informava no título da página 9: «Aula de música». Para de seguida aprofundar: «“Portugal: um programa na última fronteira da Europa musical” vai ser apresentado pelo Dr. Robert Stevenson, professor de música, às 11 da manhã, hoje no Auditório do Schoenberg Hall. Todos os interessados podem assistir».

A UCLA trouxe a música portuguesa até ao *campus* da Califórnia, proporcionando aos alunos contemporâneos de Jim Morrison e Ray Manzarek um contacto mais directo com a cultura e tradições musicais do país. Anos mais tarde Jim Morrison desejou fazer a viagem inversa. Pediu à «Caravana Espanhola» para o levar até Portugal.

A multiculturalidade da UCLA é de facto uma realidade vivida em qualquer parte do *campus*. Tudo é passível de ser abordado e nessa altura de 1964 a questão da política externa era também levada muito a sério. Depois da situação dos mísseis cubanos, o mundo debateu-se com o período da Guerra Fria e esses acontecimentos da actualidade mereceram cobertura no *UCLA Daily Bruin*. Um bom exemplo encontra-se na página 5 da edição de sexta-feira 16 de Outubro de 1964. «Choque, Surpresa e Preocupação», lia-se no antetítulo da notícia. Já o título é mais revelador: «Professores, Estudantes Reagem à Demissão de Khrushchev». Um momento histórico importante sentido no *campus* e que os repórteres Perry Von Hook e Paulette Benson descreveram desta forma: «Os alunos e professores da UCLA estavam chocados e admirados com o anúncio de demissão do primeiro-ministro Nikita S. Khrushchev. As opiniões no *campus* para as razões e consequências desta reviravolta no poder variam muito...».

Já a 21 de Outubro outra grande personalidade marcou a actualidade do jornal da *UCLA*. Desta vez, tratava-se de um autêntico símbolo da política norte-americana. Título de capa: «Nação deixou luto após morte de Hoover».

«Um período de luto nacional de trinta dias em homenagem ao antigo Presidente Herbert Hoover foi interrompido terça-feira de manhã pelo presidente Lyndon Johnson. O anúncio, para colocar a bandeira americana a meia-haste, foi dirigido à população dos Estados Unidos».

Em pouco tempo, o Presidente Lyndon Johnson viria a ser alvo de destaques quase permanentes no *UCLA Daily Bruin* e em todos os jornais. O motivo prendia-

-se com a escalada no conflito do Vietname. Era o início de uma era muito complicada para a geração dos Doors. A Guerra do Vietname foi o grande calcanhar de Aquiles que Johnson herdou da presidência de Kennedy e deixou de herança para Nixon. Mais adiante vamos conhecer alguns destaques sobre a forma como se viveram esses dias na UCLA.

De regresso ao *campus*, o *Bruin* continuou a ilustrar eventos culturais significativos para esse mês de Outubro de 1964. Um deles foi noticiado na página 3 da edição do dia 22, uma quinta-feira: «Filme clássico francês», ditava o título. Sobre o filme: «O clássico de Renoir *La Chienne* vai ser apresentado às 20h no Auditório do Royce Hall inserido no segundo programa da série de filmes de Outono de 1964 da Universidade.

A UCLA providenciou legendas em inglês para a exibição, visto que a única cópia do filme que existe nos Estados Unidos não tem legendas...».

Com este exemplo constata-se o cuidado que já na altura a UCLA demonstrava no sentido de proporcionar um programa cultural de qualidade e, acima de tudo, acessível à compreensão de todos os alunos. O facto de providenciar legendas para este filme francês, e de outras nacionalidades, é sinal inequívoco do interesse em transmitir e partilhar valores culturais.

Para além da mostra de filmes, apresentações de peças teatrais e uma multiplicidade de actividades culturais que decorriam nos diferentes recintos da instituição universitária, vários foram também os convidados de relevo que em 1964 actuaram no *campus*, e aí deram palestras, entre outras actividades. Outros usavam da sua reputação no sentido de angariar voluntários para causas. «Actriz recruta», lia-se no título da página 8 da edição de 22 de Outubro de 1964. Na fotolegenda que ilustrava esse título ficámos a saber: «A senhora Robert (Janet Leigh) Brandt, a conhecida actriz de cinema e membro do Conselho Nacional do Corpo da Paz, esteve ontem no *campus* para falar aos estudantes sobre o alistamento na organização. A senhora Brandt expressou uma imensa satisfação com a resposta do actual programa de recrutamento do *campus*, dizendo que estava impressionada com a dignidade e perspicácia das perguntas que lhe foram colocadas. O programa de recrutamento vai continuar durante o dia de amanhã no recinto do Student Union onde decorrem discursos em sala de aula».

Nas edições de 1964 do *UCLA Daily Bruin* verifica-se um equilíbrio na abordagem dos temas que compunham a actualidade do *campus* e fora das suas fronteiras (a nível nacional e internacional). Se na cultura encontrámos longas recensões de filmes, peças teatrais, dança, discos e outras expressões artísticas de várias nacionali-

dades, encontramos também análises qualitativas sobre temas efervescentes da actualidade (com anúncios políticos à mistura): «Ajuda a derrotar Goldwater», lia-se no título da página 13 da edição de 23 de Outubro. Um anúncio de época do Partido Democrático da secção de Los Angeles para promover o congressista James Roosevelt. Simultaneamente era feito um apelo ao voto em Lyndon Baines Johnson.

Nas eleições presidenciais de 1964 Johnson venceu com uma larga margem e sagrou-se o trigésimo sexto presidente dos Estados Unidos. A sua célebre concepção da legislação da «Grande Sociedade» produziu leis em prol dos «Direitos Civis», educação, protecção ambiental, «Guerra à Pobreza», entre outras acções. Todavia a questão dos «Direitos Civis» viria a conhecer contornos bastante violentos ao longo da sua presidência e naturalmente marcou a actualidade do *UCLA Daily Bruin*. «Dias Estranhos» que os Estados Unidos experimentaram ao longo da década.

Na edição de segunda-feira 26 de Outubro de 1964, foi mencionado na rubrica «Sumário do *Campus*» («*Campus Roundup*») um dos grandes problemas que Johnson teve de enfrentar: «U.S. no Vietname». A Guerra do Vietname foi bastante discutida na UCLA e neste caso em concreto era anunciado um painel de convidados para debater o tema. O evento estava marcado para a quarta-feira seguinte e iria decorrer entre as 15h e as 17h no Student Union Men's Lounge. Na essência o mote central da discussão, reportada na página 8, centrava-se na posição americana no sul do Vietname.

Em 1964, a problemática do Vietname e as questões dos «Direitos Civis» começaram a despertar consciências entre os estudantes universitários dos *campus* norte-americanos. Também eles faziam parte dos convocados para o papel de «soldado desconhecido» e só mesmo a matrícula na universidade lhes adiava a ida para a Indochina. À excepção de Ray Manzarek, os outros Doors estavam na mira do recrutamento que muito em breve se tornaria num tema trivial na sociedade americana.

Nesta altura, começou a surgir um ambiente especial nos clubes da Sunset Strip de Los Angeles. Johnny Rivers já tinha estreado o Whisky a Go-Go no início do ano, mas o Whisky estava longe de ser o único local de atracção. O *rock 'n' roll* estava gradualmente a infiltrar-se naquele reduto e nos meses seguintes começou a atrair multidões de jovens vindos de todas as partes da América.

Na edição do *UCLA Daily Bruin* de 29 de Outubro de 1964 apareceu publicitado o Ciro's, um dos míticos clubes do Sunset Boulevard. No anúncio os jovens eram convidados a aparecer no domingo, 1 de Novembro de 1964, para dançar. O vizinho Pandora's Box foi outro dos célebres clubes do Sunset Boulevard que publicou vários anúncios no jornal da UCLA. Estes clubes competiam na noite de Los Angeles, mas

foi no Ciro's que se deu a grande explosão do *rock* que viria a acolher mais tarde os Doors. Em 1964 estava tudo ainda no começo, mas já em franca ebulição.

Em efervescência encontrava-se a questão racial. «Estudante da UCLA vítima de granada». O título da edição de sexta-feira 30 de Outubro de 1964 dava conta de mais um episódio na contenda racial: «James Dan, aluno da UCLA licenciado em História, um militante dos direitos civis no Mississípi, foi ferido quarta-feira quando uma granada de gás lacrimogéneo foi lançada para dentro da casa em que vivia.

Dan, que vivia numa casa com dois negros da região, relatou ter sofrido o efeito total do gás lacrimogéneo, mais uns pequenos cortes.

O *sheriff* da localidade negou que Dan tenha sofrido os efeitos da inalação de gás, mas disse que o militante dos direitos civis sofreu pequenos cortes quando saltou por uma janela para sair de casa».

Deste cenário real a preto-e-branco vamos passar ao mundo da imaginação através da realidade do cinema. Voltar à rubrica «Sobre Cinema» («On Film») do *UCLA Daily Bruin* e conhecer as ofertas culturais que o *campus* oferecia a Jim Morrison, Ray Manzarek e seus contemporâneos.

A página 14 da edição de 9 de Novembro de 1964 realçava três filmes de mais um realizador francês influente, René Clair. Tratava-se de uma iniciativa conjunta da GSA (Graduate Student Association — Associação dos Estudantes Licenciados) e da ASUCLA (Student Association UCLA — Associação de Estudantes da UCLA). Promoviam estas mostras regularmente e exibiam filmes franceses, japoneses, russos e de outras nacionalidades no edifício das Humanidades (Humanities Building). Em 1964 o Humanities Building da UCLA situava-se no prédio hoje conhecido por Rolfe Hall. Por outras palavras, esta mostra cinematográfica acontecia mesmo em frente à ala sul da Escola de Cinema da UCLA que Jim Morrison e Ray Manzarek frequentavam.

Sobre os filmes em cartaz anunciados para a noite de 12 de Novembro, o *UCLA Daily Bruin* diz o seguinte: «Para aqueles que se encontram relutantes em abandonar o *campus*, a GSA — ASUCLA continuam amanhã a sua série formidável de filmes, às 19h30, com três películas de René Clair, a saber, *Paris Que Dorme* (Paris Qui Dort) *Entr'Acte* (o filme dadaísta com a famosa cena do cortejo funéreo), e *Sob os Tectos de Paris* (Sous Les Toits de Paris). O preço de entrada é um dólar e recomenda-se que cheguem cedo...». Na mesma página, o artigo «Improvisação 1964», escrito pelo repórter Hugh Stocks, dizia: «Finalmente, no domingo à noite, o melhor músico da Índia, Ravi Shankar, vai apresentar um programa de

música tradicional indiana, uma música que vive do improviso por natureza, sendo que a quantidade de improviso se limita apenas à criatividade do executante. Assumido como um todo, o fim-de-semana proporciona uma variedade de experiências para os interessados numa nova tendência importante nas artes». O evento decorreu no fabuloso Royce Hall da UCLA. Mais uma vez Ravi Shankar deixava sonoridades da Índia no *campus* da UCLA que se viriam a revelar inspiradoras para bandas como os Doors.

Finalmente, na edição de sexta-feira 20 de Novembro de 1964 o *UCLA Daily Bruin* noticiava na página 2 um evento onde é feita uma referência à banda que está na origem dos Doors, os Rick and The Ravens. A tal banda onde Ray Manzarek tocava com os irmãos e mais tarde contou com Jim Morrison a fazer vocalizações e John Densmore na bateria. Este artigo é bastante importante pelo sentido factual de época que encerra e pela referência directa às raízes dos Doors. Através dele ficámos a conhecer as actividades de Ray Manzarek enquanto músico na altura em que era estudante no *campus* da UCLA.

Os Rick and The Ravens foram contratados para animar um dos eventos de celebração do «Homecoming» na UCLA. Uma festa tradicional de boas-vindas a antigos residentes, ex-alunos famosos e outros que tinham dado contributos importantes para a universidade.

O repórter Duffy Demore descreveu o acontecimento desta forma: «O Homecoming da UCLA termina hoje com uma panóplia de eventos. O Churrasco do Homecoming começa às 16h de hoje no espaço entre os ginásios e vai ter lugar um tributo especial a John F. Kennedy às 19h nas Janss Steps.

O Olio Show, apresentado pelos músicos *folk* Bud e Travis, começa às 19h30 e a manifestação televisiva com a USC [University of Southern California — Universidade da Califórnia do Sul] acontecerá às 20h30 em frente às Janss Steps. A manifestação do “Dance, Dammit, Dance” (Dança, Irra! Dança) encerra hoje as festividades do Homecoming às 21h30 da noite no Student Union Grand Ballroom...».

Sobre a histórica presença dos Rick and The Ravens num destes eventos da UCLA, o repórter escreveu: «O “Dance, Dammit, Dance” vai apresentar duas bandas. São elas os The New Starbursts, vocacionados para a música de dança, e os Rick and The Ravens, um grupo que se pode intitular “Banda de Dança Estilo-Surf-Rock”. Esta banda gravou para a AURA Records e apresentaram músicas como “Tootsie The Turtle,” “Henrietta” e “Ain’t Gonna Tell You No Story”...».

Na página seguinte do *Daily Bruin* figura uma pequena notícia a informar sobre a venda de bilhetes para o churrasco e para o evento de dança onde os Rick

and The Ravens iam actuar nessa noite. Este tipo de eventos sociais revestiam, e continuam a revestir, uma enorme importância nas universidades norte-americanas. Tradições enraizadas que perfazem a história social dos *campus* e atraem muita gente.

Estas celebrações significavam imenso para as bandas que estavam no início de carreira e para aquelas que aguardavam oportunidades para mostrar o seu repertório. Sempre que os Rick and The Ravens tocavam na UCLA, os colegas da Escola de Cinema apareciam para ver Ray Manzarek a actuar na universidade onde estudavam.

Alunos como David Thompson, John de Bella, Felix Venable e outros ainda que mais tarde chegaram a trabalhar para os Doors, como Paul Ferrara e Frank Lisciandro, assistiram a inúmeras destas actuações históricas. Na realidade os alunos da Escola de Cinema seguiam a banda para além das próprias fronteiras da UCLA. No mítico clube Turkey Joint West, em Santa Mónica, não só assistiram a várias *performances* da banda como chegaram mesmo a fazer parte delas. Por vezes, Ray Manzarek chamava alguns colegas ao palco e nesse rol contava-se o anónimo e tímido Jim Morrison, que chegou a improvisar com os Rick and The Ravens nessa altura.

Por esta altura, Bob Dylan era já um nome sonante da contracultura musical norte-americana. Um dos poetas da insatisfação que dava voz a um sem-número de questões que atormentavam a juventude.

A 25 de Novembro de 1964, o *Daily Bruin* dedicou um grande destaque à actuação próxima de Dylan na UCLA: «O cantor *folk* Bob Dylan, que enfatiza a realidade na sua forma de cantar e escreve a maior parte das suas canções, vai aparecer em concerto no domingo, 6 de Dezembro, às 20h30 da noite, no Auditório do Royce Hall.

Encontram-se à venda, por um dólar, reservas para locais sentados na bilheteira do Kerckhoff Hall. Cada estudante tem direito a dois locais sentados mediante apresentação do cartão de estudante...».

Numa troca de impressões com David Thompson, um dos colegas de Jim Morrison e Ray Manzarek da Escola de Cinema, revelou-se interessante fazer nova viagem ao interior da UCLA de 1964. Thompson foi um dos estudantes que assistiram ao concerto de Bob Dylan no Royce Hall. A determinado momento lembrou a entrevista de Martin Bondell, um outro estudante da Escola de Cinema de 1964-65 e amigo de Jim Morrison, concedida a Riordan & Prochnicky para o livro *Break on Through: A Vida e Morte de Jim Morrison*. Nessa entrevista Bondell recordou uma

Dance Closes Festivities

By **DUFFY DEMORE**
 Bruin Staff Writer

Homecoming at UCLA ends today in a flurry of events.

The Homecoming barbeque will commence at 4 p.m. today between the gyms, and a special tribute to John F. Kennedy will take place at 7 p.m. on Janss Steps.

The Olio show, emceed by folksingers Bud and Travis, begins at 7:30 p.m. and the TV Rally with USC at 8:30 p.m. in front of Janss steps. The "Dance, Dammit, Dance" rally-dance brings today's Homecoming festivities to a conclusion at 9:30 p.m. in the Student Union Grand Ballroom.

The Olio Show, returning after a three years absence, is appearing under the sponsorship of The Daily Bruin. It will feature comedy and musical selections to the theme of "Bruin Spirit-Past, Present and Future." Trophies will be awarded in three categories: Best Skit, Best Musical and Sweepstakes.

The TV Rally is unique in that it will show both sides of

the Homecoming festivities, here and at SC. The cameras will flash back and fourth between the SC rally and the UCLA rally.

"Dance, Dammit, Dance" will feature two bands. They are The New Starbursts, who specialize in dance music and

Rick and the Ravens, a group who go by the name of a "Surf-Rock-Rod Dance Band." (sic) The latter have recorded for AURA Records and have put out such tunes as "Tootsie the Turtle," "Henrietta" and "Ain't Gonna Tell You No Story."

During the dance intermission, trophies will be given for the Olio Show competition and the No-Go's.

The barbeque will include meat, fish and other foods.

Judges for the Olio competition will include several noted persons from the entertainment world, among whom are: James Drury, star of "The Virginian," Randy Sparks, leader of the new "Christy Minstrels," Joan Staley, an actress; April Stevens and Nino Tempo, popular singing duo; Bob Marcucci, manager of Frankie Avalon and Fabian; Glen Costin, land developer and international show business entrepreneur; Quinn O'Hara, past Miss Scotland in the Miss Universe pageant; and George Saiki, regular on the "Lively Ones" TV series.



BUD AND TRAVIS
 Folksingers MC Olio Show

Barbeque, Dance Tix Still on Sale

Tickets for the Barbeque, served from 4-7 p.m. today in Lot W1, are still on sale for \$1 in the Kerckhoff Hall Ticket Office.

Tickets for tonight's Rally Dance in the Student Union Grand Ballroom, following the closed circuit TV rally with SC, are also on sale for 50 cents.



O Grand Ballroom na actualidade. Situado no 1.º andar do edifício Ackerman Union da UCLA.



Fotos © Rui Pedro Silva.

Student Union Grand Ballroom, onde os Rick and The Ravens actuaram a 20/11/1964.

passagem que envolveu Jim Morrison neste contexto do concerto de Bob Dylan na UCLA. A descrição no livro é reveladora: «Uma ocasião, quando ele [Jim] visitou o amigo Martin Bondell, conheceu uma rapariga que tinha acabado de regressar de um concerto do Bob Dylan [no Royce Hall da UCLA]. “O Jim sentou-se junto à rapariga”, recordou Bondell, “e interrogou-a atentamente, para saber o que o Dylan cantara, que roupas vestira, como se movimentava e qual tinha sido o efeito da sua actuação. Ele estava completamente fascinado”».

A pouco e pouco Jim Morrison começou a demonstrar um interesse acentuado pela actuação de palco e tudo o que rodeava o universo musical. Escreveu bastante sobre cinema e acima de tudo poesia, mas a música era uma forma de arte que estava interessado em explorar nesses tempos de forte agitação cultural e social nos *campus* norte-americanos.

No dia em que Jim Morrison completou 21 anos de idade (terça-feira, 8 de Dezembro de 1964), o *UCLA Daily Bruin* destacou na capa: «FSM — Comité misto, Meyerhoff demite-se»; «Propostas de Kerr rejeitadas por Sávio»; «Análise ao FSM na UCLA...».

As complicações geradas em torno do FSM (Free Speech Movement — Movimento de Liberdade de Expressão), o célebre movimento estudantil iniciado no *campus* de Berkeley na Califórnia, tornaram-se uma questão bastante sensível nesta época. Como se sabe, foi o início do processo das grandes agitações nos *campus* norte-americanos que começou em Berkeley, estendeu-se à UCLA e *campus* vizinhos e em pouco tempo ecoou de costa a costa. O tema tornou-se recorrente nas edições futuras do *UCLA Daily Bruin*. Mesmo em edições anteriores, como a de 1 de Dezembro de 1964, no dia que John Densmore — o baterista dos Doors — completou 20 anos de idade, Berkeley mereceu destaque de capa.

Entretanto, na página 2 da edição de 8 de Dezembro foram editadas notícias mais animadoras e certamente ao gosto do jovem estudante Jim Morrison que nesse dia completava mais um aniversário: «Eric Barker faz uma leitura da sua poesia na quarta-feira, 9 de Dezembro, ao meio-dia, no Student Union Men's Lounge. Patrocinado pela Livraria do Estudante». Na mesma página um título curioso prende a atenção: «O *campus* lê; *Playboy* lidera». Na notícia ficámos a conhecer um dado interessante, anterior à «revolução sexual» que caracterizou a segunda metade dos anos de 1960: «O que é que os estudantes da UCLA mais lêem? A revista *Playboy* é o campeão de vendas indiscutível da loja, segundo o gerente Ralph A. Stilwell. A publicação de Hugh Hefner vende duzentas cópias por mês, o que corresponde ao triplo das vendas de qualquer outra revista...». A avaliar pelas memórias de ex-alunos

da Escola de Cinema, Jim Morrison fazia parte da lista dos leitores da mítica revista mais vendida na loja da UCLA.

Na página 4 é de novo a florada a questão racial através de um artigo assinado por James W. Silver (Professor de História da Universidade do Mississípi). Sob o título: «Mississípi: sociedade fechada» foi descrita a visão do docente sobre a situação dos negros nessa região da América: «Existe uma hipocrisia institucionalizada no Mississípi de que os negros podem votar livremente e frequentar livremente a universidade que escolheram...». O artigo era ilustrado com uma fotografia de Martin Luther King Jr., o mais ilustre representante da luta dos negros pela reivindicação dos direitos civis e uma das grandes personalidades da galeria de oradores que passaram pela UCLA nesta época.

Entrando na página 7 da edição de 9 de Dezembro de 1964 encontra-se um bom exemplo da diversidade cultural que pautava a sessão de filmes promovida pela GSA e ASUCLA no antigo Humanities Building da UCLA. Desta vez a sessão era dedicada a Alfred Hitchcock, o grande mestre do cinema de ascendência britânica que se naturalizou norte-americano: «Amanhã, quinta-feira, às 19h30 no HB 1200, a série de filmes da GSA-ASUCLA, O Mundo do Cinema, vai dedicar o final de tarde ao clássico de Alfred Hitchcock *Sabotagem* (1936) e ao filme *A Dama Velada* (1938).

Sabotagem, um dos melhores filmes britânicos e mais raramente vistos, é tido por muitos britânicos, e particularmente, por críticos franceses, como o melhor filme do mestre... *A Dama Velada*, embora tenha sido o segundo filme mais popular... é tido como um dos trabalhos mais perfeitos de Hitchcock, e já não é visto em Los Angeles, pelo menos que tenhamos disso conhecimento, há vários anos...».

O trabalho do mestre da imprevisibilidade da Sétima Arte foi exibido mesmo às portas da Escola de Cinema da UCLA onde estudava aquele que viria a ser o mestre da imprevisibilidade na música *rock*: James Douglas Morrison, mais conhecido por Jim Morrison, o Rei Lagarto.

Igualmente imprevisível foi o destaque de capa do *Daily Bruin* de 10 de Dezembro de 1964. «Savio abandona», assim reportava o título. «Berkeley (AP) — Mário Savio, líder ferrenho do Movimento do Discurso Livre dos estudantes da Universidade da Califórnia, disse quarta-feira que ia abandonar a universidade para levar a sua mensagem à nação». O que no título parecia indiciar o enfraquecimento do movimento estudantil, a notícia na realidade demonstrava precisamente o contrário. A receptividade à mensagem tinha evoluído para além dos *campus*, daí a ten-

tativa de Savio decidir projectá-la em todos os recantos da América. O sinal inequívoco do agravamento de uma situação já de si complicada.

Os alunos da Escola de Cinema da UCLA estavam cientes da convulsão iniciada em Berkeley, mas viviam de certa forma alheados no seu reduto no *campus* norte. Estavam bastante ocupados na concepção dos seus filmes e pouco tempo lhes restava para outras coisas. Quando chegava o momento de mostrar resultados a adrenalina disparava. Os programas de apresentação dos filmes transformavam-se em acontecimentos de grande impacto. Na capa da edição de 11 de Dezembro de 1964 encontra-se um bom exemplo disso: «O Departamento de Artes Cénicas e o Comité das Produções de Belas-Artes vão apresentar uma noite de filmes de estudantes às 20h de hoje no Royce Hall... Cada filme baseia-se em material original. O guião é da autoria do realizador do filme, que é, na realidade, o autor do seu próprio filme.

Os estudantes são responsáveis por todo o trabalho técnico de produção. Os professores interagem de forma consultiva.

Vão ser apresentados quinze filmes, num tempo total que ronda uma hora e meia a duas horas».

Embora o artigo apresente uma informação muito vaga sobre a mostra dos quinze filmes do departamento de Jim Morrison e Ray Manzarek, encontravam-se envolvidos vários amigos deles nas equipas técnicas de produção de alguns filmes de estudantes então apresentados no Royce Hall. Por exemplo, no filme *E Depois Eu Vou Comer o Elefante* (de Sterling Norris) encontrava-se a fazer fotografia Felix Venable, um dos grandes amigos de Jim Morrison. No filme *O Maçarico* (de Holley Woolf), o narrador era Phil Oleno, outro dos míticos amigos de Morrison na Escola de Cinema da UCLA.

A mostra foi um êxito extraordinário. A apresentação seguinte de filmes de estudantes deste *campus* da Califórnia estava marcada para as 20h de 21 de Maio de 1965 no fantástico auditório do Royce Hall. Desta vez, Ray Manzarek fazia parte integrante da mostra principal.